



## DAS LUTAS AO LUTO INCONCLUSO: A TRAJETÓRIA SOCIAL DE DINAEZA SANTANA COQUEIRO UMA MILITANTE BAIANA QUE ENFRENTOU A DITADURA MILITAR

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior  
Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD (Brasil)  
Endereço eletrônico: academicoary@gmail.com

Gilneide de Oliveira Padre Lima  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA (Brasil)  
Endereço eletrônico: gilneidepadre@hotmail.com

942

### INTRODUÇÃO

O presente texto tem como objetivo apresentar a trajetória da militante Dinaelza Santana Coqueiro. Baiana, nascida em Vitória da Conquista. Mariadina, como ficou conhecida, foi uma das muitas mulheres que tiveram a vida interrompida pela Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). Compreendemos importante propor reflexões sobre o protagonismo feminino durante o referido período e os usos e políticas de memória. Nesta comunicação, Dinaelza Santana Coqueiro é apresentada pelas lentes de dois pesquisadores que desenvolveram os seus trabalhos de doutoramento tendo o mesmo objeto de pesquisa, a vida de Dinaelza. Aqui oferecemos, ainda que brevemente algumas inquietações e possibilidades de análise.

### METODOLOGIA

Partimos do pressuposto que investigar a trajetória de vida de uma desaparecida política, significa compreender sua luta política e as razões que a levaram à tal condição considerando as malhas do poder político da ditadura; bem como a luta de seus familiares e outros comprometidos com a memória, verdade, a justiça em prol de elucidar as condições da sua morte inconclusa e busca pelo seu corpo insepulto. Além de todas estas questões, Dinaelza Coqueiro, carrega a singularidade de ser mulher, o que a levou a enfrentar, no contexto de militância, questões de gênero. No âmbito das pesquisas sobre a ditadura militar no Brasil, nas últimas décadas, a das mulheres se tornou não apenas um campo de estudo importante no pensar, questionar e refletir acerca das relações de gênero, mas, também de se analisar a participação feminina no processo de luta política. Nesse contexto, estudos importantes e pioneiros como os de

Realização:



Apoio:





Ferreira (1996) e Colling (1997) permitiram novas problemáticas acerca da militância feminina e o período ditatorial.

Além dos trabalhos destacados, que tocam na questão da militância feminina, entendemos que as discussões no campo das relações de gênero se fizeram fundamentais. Uma vez que as relações partidárias, como reflexos de uma sociedade, traziam questões estruturais importantes no pensar político. Dessa forma, pensar a ditadura militar no Brasil é também estabelecer um diálogo sobre as relações de gênero e como elas eram pensadas e hierarquizadas no período, algo que constituiu funções e espaços destinados às mulheres e homens, militantes ou não, e os reflexos em suas ações. Com isso, as mulheres que buscaram romper, ou não se enquadraram naquele “padrão”, passaram a sofrer todo tipo de cerceamento, bem como receberem adjetivações pejorativas. Tais aspectos permitem o esclarecimento da compreensão na forma como os arquivos produzidos pela repressão, durante a ditadura militar, se utilizaram de visões sexistas para representar a presença feminina. Assim, termos como “puta comunista”, “amásias”, “desquitadas” e “mulher macho” passam a ser observadas como na distinção e na forma como as relações e gênero estavam presentes e no olhar sobre as mulheres políticas (COLLING, 1997).

Entender os processos que envolvem a trajetória de vida de Dinaelza Coqueiro, tanto do ponto de vista político como também familiar, em sua dialética, é compreendê-lo no contexto da luta pelos direitos humanos em sua dimensão estatal e social. Sem dúvida, o esse caso representa o caso de centenas de brasileiros que tiveram a vida ceifada pelo aparato repressivo durante a ditadura militar; situando-se no contexto de uma memória política que deixa memória de perseguições, mortes, prisões, torturas e desaparecimentos forçados; ao mesmo tempo, uma memória também pertencente a campos afetivos e relacionais de uma família que sofre com a lacuna causada pelo corpo insepulto de uma filha; lacuna essa que se transforma em reivindicação por políticas de memórias, mobilizadas a partir do dever memória.

Tomando como referência Halbwachs (2004), buscamos no quadro social familiar de Dinaelza Coqueiro os seus marcos de referência biográfica e a construção coletiva desse grupo familiar e de seus aderentes acerca do seu desaparecimento e busca pelo corpo insepulto; o que, por sua vez, está intimamente associado a uma memória coletiva mais ampla, a memória coletiva dos Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos que dedicaram a vida à luta pelo direito à justiça e à verdade, para que o Estado brasileiro assumira a sua responsabilidade de: apurar a veracidade dos fatos,



identificar e punir os crimes cometidos por seus representantes à época e prestar esclarecimentos às famílias e à sociedade brasileira.

Vislumbramos, pois, a memória enquanto fonte histórica e enquanto objeto de estudo. É fonte, porque recorremos a fontes escritas e orais para reconstruir a trajetória de vida de Dinaelza Coqueiro e da busca pelos seus despojos empreendida pelos seus familiares. Mas também é objeto, visto que a sua trajetória é inseparável da memória dos outros, pois, como dirá Halbwachs (2006, p. 30), “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós”. Embora Dinaelza e os demais desaparecidos não estejam “materialmente presentes, se pode falar em memória coletiva”, conforme Halbwachs (2006, p. 41); considerando que o seu grupo familiar e companheiros atuam eminentemente em prol do direito de reconstrução da sua memória.

944

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 1968, sob o governo de Costa e Silva, Dinaelza muda-se para Salvador, onde começou a se relacionar com o estudante de Economia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Vandick Reidner Pereira Coqueiro (CAVALCANTI JUNIOR, 2020). Na capital baiana, Dinaelza Coqueiro trabalhava, estudava e militava no movimento estudantil da universidade. Nesse contexto de radicalização da repressão, além de todos os cerceamentos às liberdades, muitas pessoas, sua maioria jovens passaram a enxergar uma saída para a continuidade da resistência contra a ditadura militar na luta armada, esse foi o caso de Dinaelza e Vandick (LIMA, 2019).

Levando a cabo uma rotina de trabalho, estudo e atividades clandestinas, eles ficaram noivos em 11 de outubro de 1969 e se casaram em 25 de abril de 1970 (CAVALCANTI JUNIOR, 2020). Depois de casados, o envolvimento do casal com a militância partidária se fortaleceu, o que levou os dois a assumirem posição de destaque no partido, conforme revela Santos (2001). Com a vigência do AI-5, o cerco repressivo se intensificava. Nessas circunstâncias, Dinaelza precisou sair do emprego na e abandonar o curso na universidade. Os cartazes de “procurados” pela polícia estampavam, entre outras, a sua fotografia (PADRE, 2020). Numa conjuntura de perigo eminente de serem presos pela repressão, Dinaelza e Vandick saíram de Salvador entre o final de março e início de abril de 1971 para uma “tarefa especial” em prol da revolução. Não sabiam ao certo como seria essa tarefa nem para onde iriam. Antes,

Realização:



Apoio:





porém, viveram dias de clandestinidade na cidade do Salvador até que as providências para o deslocamento fossem tomadas (SANTOS, 2004).

Com a saída de Salvador e a entrada na Guerrilha do Araguaia, Dinaelza se tornou a guerrilheira Mariadina<sup>1</sup> e Vandick passou a ser chamado João Goiano. Localizando-se no destacamento B, próximo ao Rio Gameleira, região do Povoado de Santa Cruz, no Pará, se juntando às guerrilheiras Chica, Tuca, Lena e Walk, e dos guerrilheiros Geraldo, Osvaldão etc. Os quais estavam divididos em três casas de madeira com cobertura de folhas de babaçu (MORAIS; SILVA, 2005).

Após o período de estruturação e preparação da guerrilha, com sua descoberta pelo Estado, em 1972, aos poucos as tropas passaram a chegar à região. Com isso, entre abril e agosto de 1972, já operavam entre Marabá e Xambioá mais de 1.500 soldados (GASPARI, 2014). Foi durante o período de estruturação que Mariadina e João Goiano, além de se adequarem à vida no campo, passaram a desenvolver o trabalho de massas, não apenas ajudando as famílias de camponeses, como também promovendo reflexões sobre a política (MORAIS; SILVA, 2005).

Com a intensificação das perseguições, em abril de 1974, Diná foi supostamente presa pela repressão, tendo desaparecido e nunca mais sendo encontrada (LIMA, 2019, CACALCANTI JUNIOR, 2020). Acerca de sua prisão, existem diferentes versões, dentre elas a de que, após dias na mata, com fome, Dinaelza teria entrado na casa de um casal de camponeses, que a teriam capturado e entregado a repressão (MORAIS; SILVA, 2005). De toda forma, ainda que não tenhamos uma versão oficial dos passos finais de Mariadina, sua morte e o desaparecimento de seu corpo são uma realidade que prevalece não apenas para seus familiares e amigos, como também para a história nacional (PADRE, 2020).

## CONCLUSÃO

Dinaelza Coqueiro produziu e produz múltiplas memórias: mulher, militante, estudante, filha, irmã, dentre outras. As suas memórias ultrapassam o espaço privado, familiar e alcançam o espaço público, da memória da nação. Isso porque os seus familiares, como demais familiares dos mortos e desaparecidos políticos, impulsionados pelo dever de memória, travam diuturnamente a luta por verdade e justiça; e o fazem por meio da rememoração sua da vida, luta, morte e desaparecimento. Assim, buscar o corpo insepulto significa recuperação de memória. Memória enquanto processo de reconstrução, a partir do momento presente, de um passado violento e traumático.



Recuperação da memória familiar, biográfica, política e pública. Processo situado na arena de conflitos onde se disputa a memória do período ditatorial no Brasil. Entendemos que trazer Dinaelza Santana Coqueiro ao debate desse Colóquio, é também contribuir para que sua trajetória e seus atos não sejam esquecidos; é engrossar a luta dos seus familiares e, ao mesmo tempo, destacar a importância das ações femininas no processo de luta política e seu protagonismo, frente à repressão que cercava o país entre 1964 e 1985.

946

**PALAVRAS-CHAVE:** Ditadura. Dinaelza Coqueiro. Desaparecidos Políticos. Guerrilha do Araguaia. Memória Social.

## REFERÊNCIAS

CAVALCANTI JUNIOR, Ary Albuquerque. **As Dinãs do Araguaia:** diferentes trajetórias de uma luta contra a Ditadura Militar. 216 fl. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós Graduação em História – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), 2020.

COLLING, Ana Maria. **A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil.** Rio de Janeiro. Rosa dos ventos. 1997.

FERREIRA, E.F.X. **Mulheres militância e memória.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria.** Barcelona: Anthropos; Concepción: Universidad de la concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LIMA, Gilneide de O. P. **Do corpo insepulto à luta por memória, verdade e justiça:** um estudo do caso Dinaelza Coqueiro. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), 2019.

MORAIS, Taís. SILVA, Eumano. **Operação Araguaia:** os arquivos secretos da guerrilha. São Paulo: Geração, 2005.

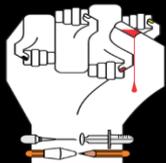
PADRE, Gilneide. **Do corpo insepulto à luta por memória, verdade e justiça:** um estudo do caso Dinaelza Coqueiro. Curitiba: CRV, 2020.

Realização:



Apoio:



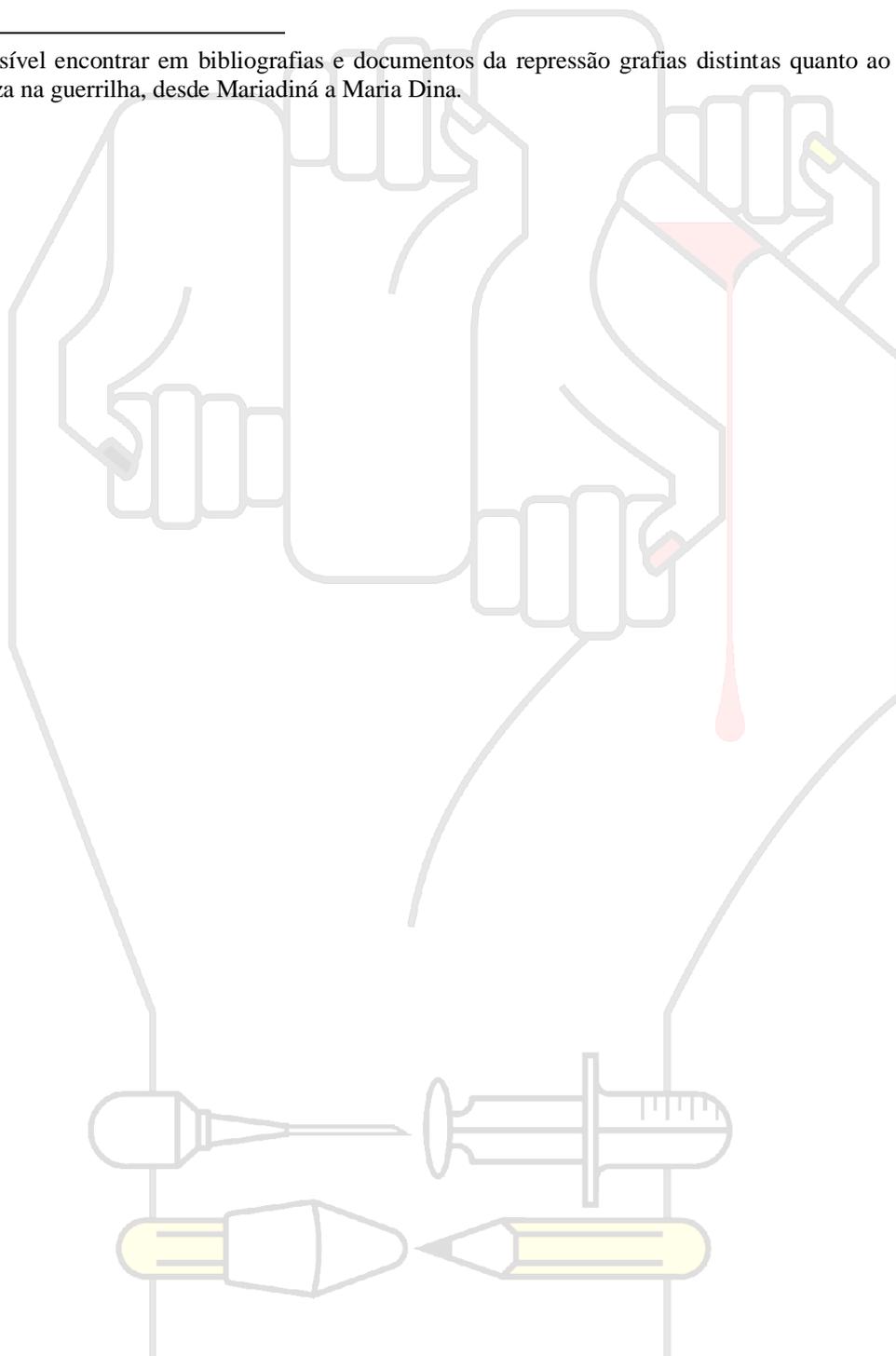


SANTOS, Andréa Cristiana. **Memórias da Resistência**: perfil biográfico dos desaparecidos políticos baianos na Guerrilha do Araguaia. 2001. 100 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

\_\_\_\_\_. **Ação entre amigos**: História da Militância do PC do Brasil em Salvador (1965-1973). 2004. 253 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós Graduação em História Social. Universidade Federal da Bahia, 2004.

<sup>i</sup> É possível encontrar em bibliografias e documentos da repressão grafias distintas quanto ao nome de Dinaelza na guerrilha, desde Mariadiná a Maria Dina.

947



Realização:



Apoio:

